



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12204 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

**OUVIR OS SONS NOS SILÊNCIOS DA PANDEMIA: DESAFIOS PARA CRIAR ‘ESPAÇOSTEMPOS’ DE APRENDIZAGEM PARA TODOS**

Maristela Petry Cerdeira - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Fernanda Cavalcanti de Mello - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**OUVIR OS SONS NOS SILÊNCIOS DA PANDEMIA: DESAFIOS PARA  
CRIAR ‘ESPAÇOSTEMPOS’ DE APRENDIZAGEM PARA TODOS**

A sociedade mundial foi surpreendida por uma nova variante do coronavírus, causador da Covid-19. O vírus se espalhou rapidamente e para conter a proliferação foi ordenada a restrição do perímetro público, implementado o distanciamento social e, como consequência, o confinamento no espaço doméstico. Nesse contexto, os sons tão conhecidos das cidades, aos poucos, foram dando espaço ao silêncio e as diferentes ausências que o presentifica, nesse movimento contínuo de produção sonora. Surgem novas sinfonias nos espaços da cidade, dentre eles o espaço da escola, do espaço doméstico, uma vez que os sons e suas ausências modificam as cidades e são, simultaneamente, transformados por elas (MALANSKI, 2018). Nos tempos de Covid-19, muitos dos cenários citadinos e escolares eram a própria casa. Esses ‘*espaçostempos*’ criam oportunidades para ‘*praticarpensar*’ a educação, com a escuta aguçada dos sentidos na perspectiva ética, estética e política.

Com a suspensão das aulas, as secretarias de educação iniciaram uma corrida na busca de soluções para que o ano letivo dos alunos não fosse por completo prejudicado. Uma delas foi transmitir aulas gravadas, em vários canais de comunicação, utilizando plataformas digitais, celulares, *tablets*, computadores, televisores e rádios. Na maioria das situações, é necessário ter acesso à internet para o desenvolvimento das atividades, de maneira síncrona ou assíncrona, transmitidas aos novos espaços de aula. Foi necessário mais do que o domínio das tecnologias para ensinar. Significar e produzir sentidos nas aulas passou a ser um grande

desafio.

As desigualdades entre as classes sociais impuseram um abismo entre a parcela da população brasileira que vive em moradias precarizadas e a outra parte que pode usufruir do conforto das suas residências nesse período de isolamento social. A pandemia retirou desses sujeitos o direito de circular pela cidade. Assim, como já afirmado por Cavalcanti (2008, p. 93), é “[...] direito do cidadão de viver na cidade, de circular por ela e por seus lugares, de consumir os/nos lugares e de usufruir esses lugares”. Há de se levar em conta o fato de que “o mundo urbano não é homogêneo; há uma multiplicidade de atos, modos de vida, de relações” (CARLOS, 2008, p. 20).

Diante da necessidade de inserção dos alunos nas aulas realizadas por meio digital, mais uma fissura se abriu na sociedade: a dificuldade e, por vezes, a impossibilidade de acesso às tecnologias e à internet. Nesse caminho, não só os sons da cidade se modificaram, como também os sons da escola. Abriu-se um fosso entre silêncios e sons e escutas da cidade e da escola. Muitas ações se deram sem escutas efetivas entre as escolas e respectivas instituições reguladoras. Nos espaços de conexão, entre muitos sons, também se produziu muitos silêncios. Espaço acústicos diferentes, pandêmicos, todavia potentes às conversas com os cotidianos.

Silêncio! Enunciado muito comum nas salas de aula, uma solicitação nem sempre é atendida plenamente. Aliás, como ressalta John Cage (1961), não há silêncios perfeitos. Para o músico que inovou com a partitura 4.33 que há sons intencionais e não intencionais. Por isso, a importância da escuta dos sons ao redor, o fluxo dinâmico dos sons ambientes, como eles são. Cedo, nas aulas de Física, aprendemos que o som não se propaga no vácuo, não há vazios em uma sala de aula. Ou há? Onde houver vibração (vida) haverá som. Os sons de dentro do corpo e os sons na relação com as coisas. Contudo, esse evento físico, o som, a sua quase total ausência de produção, ficou evidenciado nos últimos tempos de crise sanitária. Silêncios que se estenderam aos pátios, às ruas, às cidades e, em certa medida, aos lares, intencional ou não intencionalmente. Talvez, não fossem silêncios, mas outros sons, outros dizeres, outros gritos abafados a retomarem na pós-pandemia, outros timbres e significados. Silêncios que vêm da falta da imagem e dos microfones cerrados em encontros remotos, de um novo apelo: abram as câmeras, abram os microfones, falem alguma coisa! E o silêncio se faz. Nas telas, um apelido, uma foto, avatares a nos suggestionar que outro é esse? Temos novas sentenças. Que dizeres trazem? Os sons nas múltiplas ambiências vividas nos *‘espaçostempos’* atravessados por tempos pandêmicos foram e são experimentados pelos sentidos, todos eles, pois “fazem parte do cotidiano”, ou melhor dizendo, dos cotidianos (ALVES, 2019). Nessas ambiências que os sentidos experimentam, nos espaços habitados em nós mesmos, ou naqueles para além do ponto de vista visual, conforme ideia de que os espaços e os tempos habitados também “tendem a ser criados com base na sonoridade, na luz, nas possibilidades olfativas, na temperatura e ventilação.” (THIBAUD, 2012, p. 11). Por meio dos sentidos, todos eles.

Nos movimentos e nas vibrações dessas relações constituintes dos cotidianos, assolados pelas profecias de um fim e de um novo normal. Nas escolas públicas, os sons ouvidos foram de acolhida. Por diversos meios, diretores, equipe pedagógica e docentes fizeram chegar a comida, materiais de estudo, ambientes remotos, em cartas, em rádios, em *podcasts*. Vizinhos a cantar em sacadas, em *lives*, drones a filmarem a beleza de lugares edificadas e *in natura*, lares e realidades escancaradas pela linha tênue entre os limites do público e privado. E o fosso amplificado no abandono habitado na pele das desigualdades sociais, em lugares em que o burburinho das ruelas, dos casebres, das favelas, gritaram em alto som a orfandade dos óbitos pela Covid-19, mas também pelo desemprego, pela fome, pela ausência do poder público. E mais alto possível pela vibração da vida.

Todavia, essas vozes vindas de todos os cantos, '*espaçostempos*' habitados não são uníssonas, ao contrário, são plurais. Todavia, são espaços praticados (CERTEAU, 2014, p.184). Essa reconexão na pós-pandemia parece com a tessitura, diária do normal, entre espaço doméstico, espaço escolar e cidade, uma vez que, "os sons das cidades são partes das expressões culturais, simbólicas e práticas que constituem ritmos temporais, marcam ações e dinamizam a vida cotidiana" (MALANSKI, 2018, p. 127).

Nesse sentido, é interessante nos colocarmos à escuta dos antigos e dos novos sons, nas/das/com as cidades, escolas, e respectivas redes educativas e seus corpos na relação/vibração desses sons. Que sons temos intenção de produzir? O que estamos a dizer com eles? Que cotidianos podemos compor? Não basta uma pandemia, um confinamento, um distanciamento entre conectados e não conectados para silenciar. Lembrando novamente (THIBAUD, 2012, p. 8), "o ser humano é necessariamente conectado com o mundo do qual ele participa".

Estávamos ansiosos pelo reencontro. Em meio a tantos aprendizados e descobertas, precisamos dar atenção especial às novas maneiras de escrever a experiência urbana" e a experiência humana nesses novos '*espaçostempos*' de aprender.

Palavras-chave: Ensino remoto, Covid-19, Sons, *espaçostempos*.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. *Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas de hoje*. São Paulo: Cortez, 2019

THIBAUD, JEAN-PAUL. A cidade através dos sentidos. *Cadernos PROARQ – Revista de Arquitetura e Urbanismo do PROARQ*, n. 18, p. 2012, p. 02-18. Disponível em: [https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18\\_ACidade\\_JeanThibaud.pdf](https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_ACidade_JeanThibaud.pdf) Acesso em: 14 set. 2022.

CAGE, John. *Silence: Lectures and Writings*. Middletown: Wesleyan University Press, 1961.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papirus. 2008

MALANSKI, Lawrence Mayer. *Os sons do cotidiano: interpretação geográfica das sonoridades do Calçadão de Londrina, Paraná*. *Geograficidade*, v. 8, Número Especial, Primavera 2018.